

Psicanálise e rede social: entre a falta e o semblante

Viviane de Freitas Souto¹

RESUMO

A partir de teorizações sobre o Eu e as identificações em Freud e Lacan, este artigo levanta questões relacionadas à posição do psicanalista no espaço virtual das redes sociais, a qual pode ter implicações nos sujeitos e, especialmente, na própria psicanálise. Para isso, são abordadas as ideias lacanianas de espelhamento imaginário e de fazer semblante. Uma inserção dos analistas no ciberespaço condizente com a função que ocupam pode se dar ao manter uma posição em falta, não categórica ou de sujeito suposto saber, tendo como norte para si e para os outros uma posição ética de crítica aos processos dessubjetivantes ou de massificação.

Palavras-chave: Rede social. Posição do analista. Eu. Semblante.

1 Psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra (CE-PdePA/Serra), mestra em Psicologia e Saúde (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSA), especialista em Psicologia Hospitalar (Hospital Moinhos de Vento – HMV).

Grande parte das teorizações em psicanálise envolvem o Eu, os ideais e as identificações. Esse eixo conceitual abre também possibilidades de articulação entre o sujeito, a cultura e o Outro. Neste artigo, as interrogações e inquietações estão colocadas a partir desses temas no intuito de pensar algumas implicações das posições ocupadas pelos psicanalistas atualmente nas redes sociais, bem como de investigar o que, nessa tomada de posição, poderia ter efeito sobre os sujeitos e sobre o próprio fazer do analista.

As relações virtuais e em rede vêm sendo discutidas há algum tempo; porém, embora muito já se tenha avançado, suas repercussões ainda têm grande potencial de exploração. As redes sociais mais diversas — Instagram, Facebook, YouTube, LinkedIn, Twitter, entre tantas outras —, cada uma com suas finalidades, têm tanto refletido quanto transformado profundamente a cultura, e, dessa transformação, o que se tem são ainda ideias iniciais que podem ser mais bem desenvolvidas em relação a contextos particulares. A linguagem digital e as maneiras de ser e estar no ambiente em rede têm consequências nos sujeitos e no laço social.

Um desses contextos, exterior à rede em sua origem, mas gerador de efeitos nas relações que nela ocorreram, por exemplo, foi o árduo acometimento global da pandemia de Covid-19. A partir desse acontecimento, houve uma brusca e intensa transformação também para os psicanalistas, como resultado da união de dois fenômenos, laço social digital e pandemia. Essa transformação já tem repercussões diretas também na vida, na posição e no fazer dos psicanalistas. Mais do que apenas a adoção dos atendimentos *on-line*, o que ocorreu foi que outras formas de se colocar no espaço virtual começaram a ter vez ou se intensificar para muitos analistas. O espaço de análise seguiu sendo privado, ele não se confunde com o espaço na rede; o que se está colocando em questão, mais do que um fazer específico, é a função ou lugar analítico que passa a ser ocupado.

A migração para atendimentos remotos e a conseqüente intensificação da participação nas redes sociais deram-se de maneira abrupta

e repentina para a grande maioria dos psicanalistas, que, por terem ficado desprovidos do trabalho em presença física, não tiveram outra opção durante algum tempo. Ainda assim, isso não significou um afastamento dos fundamentos da psicanálise pela adaptação aos novos meios, uma vez que o exercício da escuta do inconsciente seguiu sendo possível. Ao mesmo tempo, os psicanalistas não estão imunes aos câmbios sociais e culturais, uma vez que fazem parte, obviamente, do contexto temporal em que vivem, e talvez o “novo” tenha despertado uma forma de se posicionar que poderia impactar o seu lugar tanto social quanto clínico.

O atravessamento da pandemia gerou movimentos psíquicos que podem ser considerados com potencial de quebrar paradigmas, principalmente pelo enfrentamento da possibilidade da morte. Junto a isso, o chamado “isolamento social” imposto exacerbou as trocas virtuais e as novas formas discursivas, que, portanto, deixam marcas sobre o desejo e sobre as relações entre o sujeito e o outro. Sendo as redes sociais espaços propícios ao campo do imaginário, foi também nelas que se pôde dar vazão a muitas das angústias despertadas naquele momento. Na busca por compreender o que ali se deu e segue vigente, cabe inicialmente mencionar a questão do Eu, retomando esse Eu que tem um primeiro vislumbre de si lá na imagem no espelho, durante o estágio do espelho; esse Eu que, a partir literalmente de uma imagem, se percebe refletido e, então, se deduz, podemos dizer assim, de acordo com o que a teoria lacaniana desenvolveu acerca dessa etapa da constituição psíquica.

Lacan (1949) fala do estágio do espelho, quando o bebê, que nesse momento ainda não tem palavras, percebe-se diante da própria imagem refletida e se conclui inteiro. Compreende, nesse instante, uma ideia de integridade de si, muito antes de poder dizer “eu”. É um tempo em que a interação com o que ele pode ver refletido de fora antecede a possibilidade de uma integração muito mais subjetiva que se dará depois, em uma relação imaginária do bebê com a mãe. Ele po-

derá se ver refletido no olhar do outro, na voz do outro, nos meandros da palavra desse outro/função de mãe, meandros que revelam o seu desejo e a partir dos quais se forma a imagem do Eu.

No texto de 1949 intitulado “O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, Lacan descreveu que esse Eu, *Je*, surge em um ser que está imerso na dependência do outro, na impotência motora, em um período em que ainda é amamentado pelo outro. Essa precipitação de uma integridade seria a forma primordial do Eu, que surge antes mesmo que aconteça a dialética da identificação com o outro e antes que haja a instauração simbólica que lhe dará, quando já inserido na linguagem, uma função de sujeito.

Lacan diz que essa forma primeira coincide com o registro do Eu ideal e está entre as origens das identificações secundárias, situando o Eu desde antes de sua determinação social. É daí que se parte para chegar a “compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949, p. 97). Assim, a função da imagem e do estádio do espelho seria estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, ele nos diz, de maneira que ocorre uma primeira identificação que fabrica para o sujeito as fantasias que o levarão da vivência de fragmentação e da imagem despedaçada de si até uma forma de sua totalidade, ainda que o caminho seguinte seja o de uma identidade alienada ao outro.

O momento em que se conclui o estádio do espelho inaugura, para Lacan, a dialética que liga o Eu a situações socialmente elaboradas. Ele nos diz que “É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediação pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem” (LACAN, 1949, p. 101). Estamos no terreno da formação do narcisismo primário, momento em que começa a ser construída uma ilusão de autonomia, de automeação, nesse Eu alienado ao

outro. Quanto ao que seria essa espécie de ponto de junção que depois irá ocorrer entre natureza e cultura, ao final do texto, ele aponta que “apenas a psicanálise reconhece esse nó de servidão imaginária que o amor sempre tem que redesfazer ou deslindar” (LACAN, 1949, p. 103). É importante ter em mente que esse amor não passa de uma tapeação, é uma miragem especular que se situa no nível da transferência, como nos lembra Lacan (1964).

A captação ocorrida pela imago da forma humana já havia sido descrita anteriormente por Lacan no texto “A agressividade em psicanálise” e daria lugar a uma espécie de domínio de “toda dialética do comportamento da criança na presença de seu semelhante” (LACAN, 1948, p. 116). Nesse mesmo texto, ele acrescenta que aquilo que o sujeito irá chamar de seu Eu é uma organização passional que provém, em forma e energia, de uma relação erótica na qual há a fixação numa imagem que o aliena em si mesmo.

Dessa primeira construção da integridade do Eu, passando pelo momento em que se pode proferir o próprio nome, carregado de valor significativo, até a possibilidade de uma autonegação no sentido de dar voz ao próprio desejo, há um longo e complexo caminho, que compreende as identificações e a possibilidade ou impossibilidade de alguma auto-nomia construída na relação com o outro. Antes de nos constituirmos como sujeitos, já recebemos a marca de um nome que foi dado pelo Outro. Contudo, prossegue Lacan, o momento da constituição do sujeito parece ser o momento em que a relação com o nome próprio necessita de uma tomada de posição. É nesse sentido que ele considera que “o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (LACAN, 1957, p. 498).

No texto sobre a psicologia das massas, Freud (1921) havia assinalado, em relação ao Eu e seus processos identificatórios, que a identificação é a manifestação mais precoce de uma ligação emocio-

nal com outra pessoa. Destacou uma imagem que nos é conhecida e familiar, a dos indivíduos que ficam fortalecidos em meio a um grupo de iguais unidos por identificações. Sendo o espaço das redes sociais favorável ao que se produz no terreno das imagens e identificações, coloca-se a questão de como a presença do analista nesse âmbito poderia ocorrer sem a promoção de ideais que mais serviriam ao narcisismo do próprio analista, ao fazer uma espécie de semblante, do que contribuiriam para a psicanálise como um todo no sentido de estabelecer relações que conservassem alguma possibilidade de autonomia, e não de captura imaginária. Então, a proposta aqui é pensar em que medida o analista poderia sustentar nas mídias sociais uma posição que não promovesse a alienação e a ideia de um suposto saber ou de uma espécie de oráculo.

Pode-se partir da ideia de semblante, trabalhada por Lacan, que parece se articular bem com todas essas compreensões. O semblante remete a um simulacro, a uma espécie de deformação que, ainda que esteja apoiada na verdade, não deixa de ser enganosa.

Quem não sabe que, ao dizer eu não minto, de modo algum nos resguardamos de dizer uma coisa mentirosa? Que significa isso? A verdade de que se trata, aquela que afirmo que diz Eu, aquela que se enuncia como oráculo, quando ela fala, quem é que fala? Esse semblante é o significante em si (LACAN, 1971, p. 14).

Além disso, a imagem que na rede se figura para o outro não é isenta de atravessamentos, e, especialmente no ambiente de rede, em que tudo se propaga com rapidez e pode ser tão viral quanto em uma pandemia, é difícil perceber que muitas vezes essa autoria não é tão original assim. No seu seminário de 1971, “De um discurso que não fosse semblante”, Lacan trabalhou a ideia de que o discurso só pode ser estruturado a partir daquilo que se articula em uma estrutura, em

alguma parte da qual ele se acha alienado de maneira irreduzível. Ele diz: “um *discurso-detenho-me* aí que não é o meu” (LACAN, 1971, p. 10). Não partimos do discurso particular, mas de um discurso que tem sua força em uma espécie de multiplicidade. Completa que “Um sujeito só pode ser produto da articulação significante. O sujeito como tal nunca domina essa articulação, de modo algum, mas é propriamente determinado por ela” (LACAN, 1971, p. 18). Curiosamente, pode-se ver nas redes sociais, com alguma frequência, publicações de psicanalistas que parecem ser reproduções de um mesmo, quase sem crítica ou pensamento próprio, o que faz sentido considerando-se que o analista não está imune às virulências desse meio, bem como está atravessado por outros dizeres.

Então, a compreensão do semblante nos indica que não há discurso verdadeiramente individual, porque todo discurso sempre comporta o outro e o laço social. Há algo de uma fachada, uma aparência que faz o múltiplo parecer ser de um. O psicanalista também está imerso nessa dimensão estrutural, e sua própria posição pode, por isso, ser colocada em questão. Ele também compõe e é composto pela dimensão coletiva e pela multiplicidade desse semblante que sustenta. Dessa forma, o semblante tem a ver com uma espécie de *performance*, a maneira como nos apresentamos ao outro a partir desse laço social.

Ser psicanalista e adepto de alguns desses espaços sociais virtuais não é algo a ser evitado ou rejeitado; e não se trata, portanto, de desfazer ou negligenciar o potencial agregador e de trocas desse meio. O espaço virtual chegou ao âmbito psicanalítico, como ao mundo, oferecendo inúmeros benefícios, com possibilidades de encontros que podem ser extremamente produtivos, que tornam a psicanálise mais acessível a todos, apenas para citar algumas de suas vantagens. No entanto, as formas de se “apresentar” nas redes são variadas e, muitas vezes, passíveis de estranhamento quando se problematiza o lugar que os analistas ocupam, com posturas que, algumas vezes e cada vez mais, buscam ocupar o lugar de suposto saber, lugar onde não aparece a falta.

Entre as inserções criativas e construtivas nas redes sociais, cuja existência já testemunhamos em larga escala, surgem também, com alguma frequência, psicanalistas dedicados a verdadeiras produções de imagem, com perfis muito bem articulados e preparados. O ponto a se pensar é que, não apenas em perfis privados ou pessoais, mas também naqueles marcadamente profissionais, é crescente o aparecimento de psicanalistas que parecem voltados a “vender” uma imagem cheia de “filtros”, como se diz nesse ambiente – um “belo” enganoso, o que poderíamos descrever como “fazendo semblante”. O espaço social *on-line*, por suas características próprias, privilegia a dimensão imaginária do semblante, e há uma implicação ética que leva à questão de como os psicanalistas estariam fazendo uso desse espaço tão peculiar. É possível manter-se na dimensão da falta ou todos são absorvidos pela lógica que, em grande medida, domina a linguagem digital?

São muitos os questionamentos. Existiria uma relação no sentido da troca com o outro? Ou será que, nas redes sociais, o que se dá são apenas reproduções de semblantes adaptados a esse espaço em que, se não se participa de uma maneira muito específica, não se tem existência? Sob que perspectiva colocar-se na rede, e o que essa posição revela dos psicanalistas e da psicanálise? Não caberia muito mais aos analistas sustentarem-se em uma função provocadora dos desejos do sujeito, e não como agentes despercebidos de um processo de massificação dessubjetivante?

No semblante que se faz, encontra-se uma posição no discurso, há uma enunciação, já que a fachada se sustenta em uma verdade, uma verdade que é inconsciente e ao mesmo tempo é ficção. Nessa ficção, a que demandas sociais se está respondendo? É uma inserção, portanto, em que muitas vezes se representa algo que não é seu, que está a serviço de um Outro, mas que passa também pelos próprios processos de identificação.

Naquilo que se pretende sustentar nas redes e ali oferecer de si, não parece recomendável que o psicanalista se coloque como repre-

sentante da completude imaginária do eu ideal, dado que a psicanálise tem também uma função social no sentido de manter a relação com a falta. Amar, para Lacan (1960-1961), é dar algo que não se tem a quem tampouco o pediu, sempre havendo desencontro entre o que se oferece e o pedido do outro. Como não passar do semblante ao uso, objeto de fetiche? Ainda que algum semblante seja necessário, é importante não fetichizar o outro ou entrar no jogo perverso do semblante do outro.

Na linguagem midiática, há algo do sujeito que se perde, há um apelo à captura no registro do Eu ideal. Existe uma ilusão de compartilhamento, enquanto o que é mesmo da troca intersubjetiva com frequência não acontece, por mais que a aparência seja de uma constância de acesso e presença do outro. Na busca pela construção de uma existência nesse meio e pela manutenção de um nome, o que se tem, em contrapartida, é a sensação do anonimato, que, se bem alivia o peso das relações de reconhecimento mais verdadeiras, também favorece um sujeito massificado que não se pensa, que está perseguindo os ideais em um espelhamento imaginário, ficando cada vez mais incapaz de alcançá-los e mais imerso nessa linguagem performativa.

A psicanálise vem cumprindo ao longo dos tempos, desde a sua criação, uma função política e social que extrapola os benefícios clínicos, mas, não podendo ser descolada do contexto histórico e cultural, igualmente é afetada por essa transformação do mundo digital. Ainda que essa transformação de mundo venha acontecendo há tempos, com a pandemia, os psicanalistas foram lançados e se lançaram ainda mais e com uma velocidade surpreendente às redes sociais. O isolamento a que todos ficaram submetidos os fez incorporar muito mais essa forma de linguagem, o que fez alguns se utilizarem dela de maneira passiva ou até mesmo dessubjetivada, sustentando determinado semblante e exigindo um retorno de espelhamento, muito mais que de reconhecimento. Muitos assumiram como necessária uma postura mercadológica e comercial.

Não há como ficar apartado do que ocorre em cada tempo. Também cabe ao psicanalista a tomada de posições frente ao que vive, dada a importância de seu papel social, mas encarnar o ideal e exigir o apagamento das diferenças é renunciar à ética que sustenta seu lugar, inclusive clínico. Ao figurar na massificação do espaço cibernético, fica difícil manter a subjetividade no espaço clínico, mais difícil ainda sustentar que essa subjetividade respeite os preceitos de neutralidade e de abstinência e que o analista possa ceder de seu desejo. Ocorre muitas vezes um enredamento, pois o semblante envolve aspectos inconscientes que não se limitam a um único espaço de circulação. Um caminho possível, talvez mais condizente com o lugar de analista, seria manter a posição faltosa, tentar exercer a crítica, talvez ocupar um lugar menos categórico e indutor de massificação.

O psicanalista não apenas assimila a cultura, mas sobretudo tensiona e dialoga com ela. É importante, por isso, conservar a capacidade de pensar sobre a realidade que se impõe e evitar se oferecer para o espelhamento imaginário, ainda que ele sempre possa acontecer, pois essa oferta marca mais um contágio ou uma repetição/automatismo do que uma inserção política que pudesse cumprir função social.

Não se colocar na cena pública como objeto do ideal é uma posição ética e mesmo política. A psicanálise comporta recursos teóricos privilegiados para a compreensão de como essas relações sociais se organizam, para o questionamento de como os psicanalistas estão podendo pensar as redes sociais e a linguagem digital, e de como estão se posicionando eles mesmos nessa rede, talvez bastante enredados em discursos que representam semblantes e acabam por atender a seus próprios ideais infantis. Quais funções psíquicas estariam cumprindo para os analistas as redes sociais?

É evidente que muito do que foi discutido neste artigo em grande medida acontece também fora do espaço virtual. A posição do analista

não é uma questão que passou a ser problematizada apenas a partir do advento das redes sociais; ela envolve o modo como ele se situa diante do saber e da falta. Também não é novidade que mesmo em espaços privados os psicanalistas sejam buscados por espelhamento, em nome de um investimento da ordem do Eu ideal, e colocados no lugar transferencial do sujeito suposto saber. Sempre se chega à análise por alguma transferência, claro, mas a transferência baseada no semblante que o psicanalista precisa produzir/reproduzir é obturante e parece danosa à psicanálise. Há que se ter cuidado com esse reforço do personagem, uma projeção imaginária, mas principalmente se isso parte marcadamente do analista.

Encontramos em Freud (1912) a ideia de uma posição de abstinência do psicanalista adotada para não intervir direcionando o caminho das escolhas subjetivas; trata-se de uma referência a certa opacidade necessária, a qual constituiria uma superfície espelhada que mostra o que lhe é mostrado. Fazer a função de uma superfície espelhada não coincide com colocar-se como um modelo ideal de espelhamento para o outro, o que dificultaria a resolução da transferência. A partir disso, o desafio é participar da cena social e ainda resguardar a neutralidade e a abstinência recomendadas por Freud para que os motores da transferência possam seguir conduzindo em direção a uma posição ética que deixa espaço para o desejo. Ainda que essa seja uma posição utópica, isso não significa que se deva deixar de tê-la como um norte.

Para encerrar essa construção, um lindo poema de Mário Quintana. Como todo poema, e tudo o que a linguagem comporta, ele não tem uma explicação, uma única forma de compreensão ou de ligação: são infinitas as possibilidades. Que assim possam ser também as possibilidades do analista na rede social, infinitas. Que ele seja menos enredado na cena infantil e mais faltoso, menos semblante e mais causa de desejo.

O AUTORRETRATO

No retrato que me faço
— traço a traço —
Às vezes me pinto de nuvem,
Às vezes me pinto de árvore...

Às vezes me pinto coisas
De que nem há mais lembrança...
Ou coisas que não existem
Mas que um dia existirão...

E, desta lida, em que busco
— pouco a pouco —
Minha eterna semelhança,

No final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco! (QUINTANA, 1966, p. 121)

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1912). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 79-92. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 125-185. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 9).

LACAN, J. (1948). A agressividade em psicanálise. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 104-126.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. *In: LACAN, J. **Escritos***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In: LACAN, J. **Escritos***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, J. (1960-1961). **O seminário, livro 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. (1964). Em ti mais do que tu. *In: LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 249-260.

LACAN, J. (1971). **O seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

QUINTANA, M. (1966). O autorretrato. *In: QUINTANA, M. **Antologia poética***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 121.

Psychoanalysis and social media: between the lack and the semblant

ABSTRACT

Based on theorizations about the self and identifications, as in Freud and Lacan, this paper raises questions about the position of psychoanalyst in the virtual space of social media, which may have implications for the subjects and especially for the psychoanalysis itself. For this, the Lacanian ideas of imaginary mirroring and semblant making are addressed. An insertion of analysts in cyberspace consistent with the function they occupy can take place by maintaining a position of lacking, not categorical or of subject supposed to know, having as a guide for themselves and for others an ethical position of criticism in the face of de-subjectivating or massification processes.

Keywords: Social media. Analyst's position. Self. Semblant.

Recebido em 26/06/2023

Aceito em 19/09/2023